

Usos do Passado e Escrita da História

Uses of the Past and Writting of History

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2013v47n1p176>

Diogo da Silva Roiz

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai/MS, Brasil

Resenha de:

MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru/SP: Edusc, 2004, 228p.

Na década de 1960, Arnaldo Momigliano percebeu que ‘toda história é uma história contemporânea’, porque escrita por homens do presente a respeito de homens do passado. Com esta ideia - cara a Croce – o autor sublinharia ainda que ela pode também ser fruto de diferentes usos e abusos. Para abordar esse tema, Momigliano procurou perscrutar que raízes clássicas da historiografia moderna, isto é, que inspirações, apoios e referências os historiadores modernos tiraram dos antigos; que leituras fizeram de suas obras, e como as usaram em seu presente histórico, como forma de justificar até, em alguns casos, seus projetos de ação e de escrita da História.

De início - fruto de suas conferências proferidas nos anos iniciais da década de 1960, na universidade da Califórnia, em Berkeley, depois retrabalhadas - seus estudos consistiram em questionar as relações entre a historiografia persa, grega e a judaica, e por que a grega prevaleceu; por que Tucídides, e não Heródoto, se tornou o historiador mais autorizado da Antiguidade; como os antiquários se apropriaram da historiografia clássica e que contribuições trouxeram para a pesquisa histórica; como houve a importação da historiografia grega em Roma e de que maneira ocorreu a sua romanização; qual o lugar de Tácito no pensamento histórico e como a historiografia eclesiástica conseguiu forjar uma tradição própria.

Para este autor, a “historiografia grega pagã era muito mais vital e desafiadora” do que a judaica, e os “historiadores eclesiásticos cristãos, ainda que inevitavelmente influenciados por Daniel e por Josefo, adotaram em última análise os métodos da historiografia pagã” (MOMIGLIANO, 2004, p. 51), embora não completamente, por deixarem a historiografia política grega. Como observa em sua obra, a historiografia grega não era meramente cíclica, ou a-histórica, como muitos historiadores sublinharam, a partir de uma grande generalização dos historiadores gregos. De acordo com ele:

Os homens escrevem a História quando querem registrar acontecimentos em um quadro cronológico. Todo registro é

uma seleção, e ainda que uma seleção de fatos não implique necessariamente em princípios de interpretação, muitas vezes é o que acontece. Acontecimentos podem ser escolhidos para registro porque tanto explicam uma mudança ou apontam para uma moral como indicam um padrão recorrente. A conservação da memória do passado, o quadro cronológico e uma interpretação dos acontecimentos, são elementos de historiografia que são encontrados em muitas civilizações. [...] O que me parece ser tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro de acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias. Até onde vão meus conhecimentos, nenhuma historiografia anterior à dos gregos ou independente desta, desenvolveu estes métodos críticos; e nós herdamos os métodos gregos (MOMIGLIANO, 2004, p. 54-55).

As referências aos fatores que contribuíram para o descrédito de Heródoto são muitas, mas a principal foi à maneira que Tucídides se colocou como crítico de seu método e inaugurador de outro. Em vista disso, a “história política – história ‘tucidideana’ – continuou sendo a história por excelência para a maioria dos antigos” (Ibid., p. 75). No entanto, não podemos deixar de lado que a “etnografia moderna tinha nascido como uma continuação consciente do trabalho feito por Heródoto e por outros geógrafos e etnógrafos da Antiguidade”, visto que “entre os autores que sobreviveram da Antiguidade, [ele foi] o que mais viajou – mais até do que Políbio – e também o que fundamentou sua narrativa menos em livros já existentes, ele se tornou a grande inspiração para o verdadeiro viajante em oposição ao historiador de gabinete” (Ibid., p. 81). Mas, o certo é que na “atual situação é que os dois rivais da Antiguidade – Heródoto e Tucídides – são reconhecidos como os dois grandes fundadores da pesquisa histórica” (Ibid., p. 83).

Na visão do autor, pode-se resumir em cinco pontos as contribuições da pesquisa e da historiografia helenística, a saber: “edição e ao comentário de textos literários [...] a coleção de tradições antigas sobre cidades individuais, regiões, santuários, deuses e instituições específicos [...] a descrição sistemática de monumentos e a cópia de inscrições [...] a compilação de biografias eruditas e a quinta é a cronologia” (Ibid. p. 102). No entanto:

Com o desaparecimento gradual da abordagem tucidideana, ou política da história, a história não está mais confinada aos acontecimentos políticos. Tudo agora é suscetível de ser história, como quando Heródoto iniciou todo esse negócio da história. Nesse sentido, o antiquariato, sendo uma contrapartida da abordagem política da história, está agora morto. Mas a tarefa de descrever sistematicamente as instituições e as crenças não é algo que possa ser facilmente descartável como inútil. O surgimento da sociologia está certamente relacionado com o declínio do antiquariato porque a sociologia é a herdeira

legítima dos estudos antiquários. Está claro que a relação de três lados entre a filosofia, o antiquariato e a história perfeita está agora sendo substituída pela relação entre filosofia, sociologia e história. Hípias teve como um sucessor em Comte, e a recusa obstinada de Mommsen em abandonar a abordagem antiquária pelas instituições romanas foi reivindicada por seu discípulo Max Weber. Neste sentido, o antiquariato está vivo e ainda ouviremos falar a seu respeito (MOMIGLIANO, 2004, p. 116-117).

A origem da história nacional na obra de Fábio Píctor é outro ponto interessante em sua análise, pois o autor procura mostrar tanto a maneira como Píctor abordou o tema, quanto a forma como fincou raízes na posteridade, cuja fortuna crítica até hoje nos é próxima. Mas, nesse ínterim:

Não devemos culpar Fábio Píctor se em sua luta contra a superstição e o tradicionalismo voltou-se para os gregos de sorte a desacreditar os pontífices romanos. O classicismo nunca é tão perigoso quanto o tradicionalismo. Além disso, o resultado dos esforços de Fábio foi, talvez, mais original do que ele mesmo esperava. Os anais que ele produziu inauguraram um novo tipo de história nacional, menos antiquária do que as crônicas dos estados gregos, mais preocupada com a continuidade das instituições políticas do que a maioria das histórias gerais gregas que conhecemos (Ibid., p. 154).

Outro ponto instigante em sua análise é que, apesar dos evidentes méritos de Tucídides ao abordar e definir um tipo de história política, sem a grande contribuição de Tácito em criar uma tradição continuada sobre o estudo do político, por meio de sua obra, ele não teria feito uma fortuna crítica tão próspera. Da mesma forma, devemos ter em mente que a história eclesiástica também deixou raízes profundas sobre o modo de fazer história dos modernos, em especial na forma como pensaram a análise do processo histórico, encadeando suas relações no tempo como desdobramentos de um percurso linear, cujo sentido já estaria previamente dado.

Por isso, devemos observar que a “antiguidade não criou apenas um tipo de história”, mas vários, que se cruzam com a nossa própria interpretação do passado. Da história política à biográfica, passando pela nacional até a filosofia da história cristã, muitos percursos teriam fortunas críticas, até inesperadas, na modernidade. Pois, se muitos focos de análise realmente foram alterados, há também continuidades evidentes em muitos pontos que ligaram os antigos aos antiquários, e destes a nós, apesar de que a “moderna filosofia da história – em bases cristãs – e os modernos métodos históricos – em bases clássicas – nunca [erem] entrado bem em acordo”, como assinala o autor (MOMIGLIANO, 2004, p. 217),

Desse modo, a análise de que a historiografia clássica deixou raízes profundas na moderna - como no trato da história política, da biografia, da histó-

ria nacional e da filosofia da história - traz indícios da forma como, em cada momento histórico, se plasmam, no presente, os usos diversos e originais do passado. Ao realizar isso de modo tão competente, a obra de MOMIGLIANO deixa também raízes para a posteridade, pois projeta, ainda que inesperadamente, uma tradição de pesquisa historiográfica já muito significativa: a dos usos do passado, no presente, para a escrita da história.

Agradecimento

Ao CNPq pelo apoio e financiamento.

Recebido em: 27/02/2011

Aceite em: 23/08/2013

Diogo da Silva Roiz é Doutor em História pela UFPR, onde realiza estágio de pós-doutorado. Professor adjunto do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campus Amambai. Endereço para correspondência: Rua Marechal Deodoro, n. 810, apto. 1. Centro. Amambai/MS, Brasil.

CEP 79.990-000

E-mail: diogosr@yahoo.com.br